



Desde que o Rock era Blues,
desde que o Cometa era nanico...

Atitude é assinar o cometa
cometaon@gmail.com | tel.: (31) 3286.2629



A Vale comemora
esse dia pensando
no dia de amanhã.

Preservação

22 de Março – Dia Mundial da Água

O Dia Mundial da Água é um convite para pensarmos juntos: como preservar esse bem essencial para a vida? Como Descobridores, nos fazemos essa pergunta todos os dias. Hoje, reaproveitamos cerca de **80%** da água utilizada em nossas operações. Mantemos, em nosso Estado, aproximadamente **30 mil** hectares de reservas ambientais e mais de **700** nascentes de água. Essas são apenas algumas medidas que contribuem para a preservação de uma das maiores riquezas de Minas: as águas.

Preservação ambiental. Se é importante para Minas, é importante para a Vale.



México, Terças e Outono poéticos

Entrevista com Fernando Reyes, Wilmar Silva e Beto Vianna

Em prosa e verso, o Cometa fala com o poeta, tradutor e editor mexicano Fernando Reyes, de passagem pelo Brasil, com o poeta e editor Wilmar Silva, curador do projeto Terças Poéticas, e com Beto Vianna, que estreia seu livro de poesia. Participação de Marcelo Procópio e Ariel Vianna.

Belo Horizonte, 26 de março de 2012

O COLECIONADOR DE POETAS

Fernando Reyes - Traduzi e editei uma antologia de poetas brasileiros, *En la outra orilla del silencio*, compilada por José Geraldo Neres. Foram 22 poetas, das cinco regiões do Brasil.

Beto Vianna - Você diz que tem a paixão pelo colecionar, é um antólogo.

FR - Sim. Gosto de colecionar de tudo, na literatura.

BV - É professor na Universidade e também escritor. Então você vive o mundo do artista, mas também o do acadêmico, ou do naturalista, como um colecionador de besouros...

FR - Eu coleciono poemas, contos, fragmentos de romances, sempre em torno de um tema. Tem o *Nectáfora*, que é a antologia do beijo na poesia mexicana, fiz uma antologia de poetas cubanas, de que gosto muito, *Palabras en la arena*...

Wilmar Silva - Fala sobre o seu trabalho autoral.

FR - Eu escrevo contos, minificções [minicontos] e poesia, como este livro, *Y el corazón apalabrémonoslo*. Minha obra também é temática, se você for olhar. *El pez goloso de tu lengua* fala só de beijos.

WS - Não acho que seja só temática, todo livro seu tem um conceito, que você desenvolve.

FR - Uma obsessão. Eu meto aquela obsessão na cabeça e sigo em frente. Se aquele é de puro beijo, este é de puras palavras, jogo de palavras, palavras de palavras, palavras visuais, palavras sonoras...

Todos - Palavrões...

FR - Sim, tem o *Calemburetruécanos*, que é minha coleção de groserías [palavrões].

WS - A sua poesia tem muita presença do visual e do sonoro, não é?

FR - Tem o poema "Beso esternalcleidomastóideo", esse músculo aqui

[mostra, com a mão deslizando no pescoço], os versos formam uma "resbaladilla" [escorregador]. E há o "Beso intermuslar" [mostra o poema, que forma uma vagina com versos de lado a lado].

WS - Muito erótico, claro, mas muito visual, né? A propósito, no Brasil houve rupturas, como a Semana de Arte Moderna, o concretismo, a poesia marginal... E no México, como foi?

FR - Houve essas tradições todas... das influências mais clássicas da Espanha até os modernistas, o surrealismo... No Brasil, acho que depois as pessoas se cansaram de tantas tendências, de tantas escolas, apesar de que nada é novo, tudo tem sua tradição...

WS - Como é essa inovação no Brasil, você identifica alguma tendência?

FR - Acho que duas. Tem o coloquialismo, a poesia coloquial, e um amigo meu, pesquisador da universidade e poeta, encontrou no Brasil muitas experimentações no mundo virtual, o que não acontece tanto no México.

Marcelo Procópio - Sim, isso acontece nos blogs, principalmente, mas não na mídia ou nas editoras. Não há muitos livros sendo lançados desses novos poetas. Ou há?

BV - O Wilmar é editor...

MP - Se você procurar na internet, você encontra. Andei procurando, por causa de pessoas como a Adelaide de Julinho, que fazem blogs por aí.

WS - A internet é um grande suporte. É uma das grandes invenções do século XX.

FR - No México está só começando, é um tendência em todo lugar, a blogosfera.

BV - No Brasil isso virou várias questões, as várias esferas da blogosfera. A autoria, a divulgação, a distribuição, o acesso, muita coisa muda quando se publica no ambiente virtual.

FR - O melhor é que ali você encontra muitos novos poetas que não dá para conhecer pessoalmente, muitos deles inéditos.



Aquarela de **Táбата Morelo** para a capa de *Quarenta poemas de outono inverno e um canto para Ariel*

BV - Como é que você, como colecionador, lida com as tendências, os grupos...

WS - As tribos...

FR - Faço livros temáticos, e isso me salva de muitos amigos e inimigos (risos). Claro, sempre procuro bons poetas, mas há essa coisa temática. Na antologia do beijo, vi que umas pessoas não gostavam de outras que também apareciam na antologia. Umas não iam no lançamento, porque este tipo odeia aquela tipa que

andou com a aquele outro que odeia aquele "cabrón" (muitos risos).

BV – É como no poema do Drummond.

MP – As quadrilhas (risos).

TERÇAS POÉTICAS

Wilmar Silva – Sugerir a criação do Terças Poéticas à Secretaria da Cultura, como uma parceria entre o Palácio das Artes e o Suplemento Literário. A estreia foi em 2005, e até hoje foram 210 edições nos Jardins Internos do Palácio das Artes. A cada edição, convido um poeta, de Belo Horizonte, de outras cidades e até estrangeiros, que apresentam seu trabalho através da leitura tradicional ou de outras linguagens. Podemos convidar um poeta mais radical, que vem quebrar conceitos, e, noutra terça, um poeta mais clássico. De jovens desconhecidos a grandes nomes da poesia. Já recebemos poetas como Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna, Marina Colasanti... A cada edição, homenageia-se um poeta. O Terças Poéticas é um projeto aberto para os poetas da atualidade e as experiências de linguagem que eles estão explorando, mas que reconhece a tradição.

MP – O Ferreira Gullar veio homenageando outros poetas?

WS – O Gullar leu a poesia dele e homenageou o Augusto dos Anjos, reunindo mais de quinhentas pessoas no Palácio. Foi a primeira aparição pública do Gullar depois de receber o Prêmio Camões, e às vésperas de completar 80 anos.

MP – Os poetas são sempre convidados por você, ou alguém de fora pode sugerir?

WS – Recebemos inúmeras propostas ao longo desses 7 anos, e muitas foram aceitas. Para a temporada 2012, que abre dia 10 de abril, temos o projeto aprovado para o interior de Minas, a exemplo do que ocorreu em 2008 e 2009.

Beto Vianna – Nessas duas centenas de edições, não deu nenhum xabu? O poeta decepcionou, o som não funcionava, choveu, o público não foi...

MP – No Palácio tinha essa coisa de não gravar os eventos, da estrutura precária...

WS – Todas as terças estão filmadas e fotografadas. Em 2006 editamos um livro com os poetas, e agora vamos editar outro. É um material riquíssimo. A memória está preservada no Terças Poéticas. E essa ocupação dos Jardins Internos do Palácio não é só simbólica. Ela convida à participação do público e ao encontro entre os poetas e entre as artes, porque contempla as várias experiências que surgindo, a instalação, a videopoesia... O projeto tem esse caráter híbrido, não é só poesia, permite esse cruzamento de linguagens.

MP – Vi gente reclamando, não especificamente do Terças Poéticas, mas da desatenção a outras ocupações de lugares públicos. A mídia acaba dando mais espaço a eventos com selo oficial.

WS – O sucesso do Terças é que ele abre espaço a novos poetas, e a mídia de



Da esquerda para a direita (especialmente falando), Beto, Marcelo, Fernando e Wilmar

Minas sempre divulgou. Não só os grandes nomes, mas o projeto como um todo sempre rendeu muita mídia espontânea em Minas.

MP – Tem o Praia da Estação, que criou um sarau naquele espaço, o duelo de MCs debaixo do viaduto, os movimentos da varanda do Maletta... Nesses espaços há poetas se apresentando que iriam gostar de participar do Terças Poéticas. Você, como curador de uma instituição oficial, ligada ao Governo do Estado, tem olhar para esses grupos?

WS – Nunca foi condição, para participar, estar na mídia. Participaram rappers, como o Ice Band, o Marcelo Dolabela, ícone da poesia alternativa em Belo Horizonte, Nicolas Ranieri, de Uberaba, um jovem poeta completamente desconhecido...

BV – Teve até a Tábata... (risos).

WS – Sim, a Tábata, uma jovem autora de talento, mas ainda desconhecida do grande público.

POEMAS DE OUTONO INVERNO

Beto Vianna – Estou lançando, dia 17 de abril, *Quarenta poemas de outono inverno e um canto para Ariel*, com aquarelas da Tábata Morelo e apresentação do Thiago de Mello.

Marcelo Procópio – É o seu primeiro livro de poesia?

BV – Posto poemas na blogosfera há alguns anos, mas é o primeiro de papel. Fora da poesia, editei um livro em 2008, com cientistas de vários países, o *Biologia da libertação*...

MP – Que foi edição especial do Cometa, de agosto de 2007.

BV – Sim, com artigos dessa edição. E em 2010 *A linguagem dos animais*, com meus artigos de jornal.

MP – E a poesia, por que agora?

BV – Por overdose. Cheguei a escrever um poema por dia, no outono e no

inverno de 2011, daí o o título. Escolhi quarenta de uns duzentos daquele período. Então, também é uma antologia.

MP – Há um tema reunindo os poemas escolhidos?

BV – De um jeito, sim. Eles têm a ver com o amor que reencontrei, e foram escritos nessa época da minha vida, o que, por si só, já é tema. Mesmo os poemas de motivação formal são o que são porque era o que eu estava vivendo nesse momento.

MP – São poemas de amor.

BV – Não só amor romântico, amar não se esgota no amor romântico. É esse mundo de coisas que surge na convivência, os encontros e também as cagadas, outras pessoas envolvidas, tudo o que costura o que chamamos de experiência amorosa. O chileno Humberto Maturana disse (ou inventou) que conversar vem do latim *cum versare*, dar voltas com o outro. Acho isso. E o Thiago [de Mello] diz que o primeiro compromisso do poeta é com a verdade, mesmo que venha em forma de metáfora. Concorde, só acrescento que essa verdade depende da experiência pessoal, e minha verdade foi essa, o amor reencontrado e os poemas que saíram com essa pressa, no meio desse furacão.

MP – Tem também um poema para Ariel.

BV – “Àdùkè Ose”. É o nome que ela ganhou quando esteve na Nigéria. Àdùkè é amada, em iorubá, e Ose é sabão em pó. Minhas duas filhas estão no livro, a Ariel de musa e a Tábata arrepiando na ilustração.

WS – Como foi isso do Thiago de Mello escrever a apresentação?

BV – Conheço o Thiago da minha infância em Lisboa, éramos vizinhos nos anos 70, em plena Revolução dos Cravos. Quando resolvi publicar, mesmo achando que os poemas estavam prontos, resolvi enviar um esboço para ele, e foi uma experiência fantástica. O

Thiago leu os versos e me guiou numa conversa sobre a seriedade do afazer poético. Ou seja, puxou minha orelha e me mandou trabalhar mais.

MP – Você acatou tudo? A sua poesia tem influência do Thiago?

BV – O Thiago é menos afeito a estripulias formais, e eu menos comprometido com o verso clássico. Teve caso dele torcer o nariz e eu, que precisava do verso torto daquele jeito, acabei desobedecendo. Mas me ensinou muito, e me fez ver que a responsabilidade do que eu dizia era, no fim das contas, minha. Me ajudou formalmente, inclusive. Meus poemas tendem a ser cantadinhos, por influência do jingle publicitário, e passei a tratar tudo com mais rigor. Minha tradição é essa, o jingle, o repente, o trocadilho, os Beatles... Sou um pop incorrigível, e não tributário da poesia forte do Thiago. A ligação é amorosa. E política, o que dá no mesmo, no caso.

MP – Quem vocês irão homenagear nesse Terças Poéticas?

BV – O Pablo Neruda, por sugestão do Wilmar. Bela ideia, porque o Thiago tem essa ligação com o Neruda, eles

foram amigos... E uma coincidência, pois o título do livro faz referência ao *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*.

Fernando Reyes – O Neruda traduziu o Thiago, um traduziu o outro.

WS – O Thiago é sem sombra de dúvida um dos grandes poetas de língua portuguesa, e que conseguiu estabelecer esse vínculo, esse diálogo, com a poesia latino-americana. É importantíssima a sua presença no Terças Poéticas.

BV – A poesia dele tem essa dimensão política, como acho que devia ser qualquer forma poética.

MP – Ariel, como líder estudantil, você vê essa ligação entre política e poesia?

Ariel Vianna – Não, não vejo. Acho que política é uma coisa, poesia é outra. E meu contato com a poesia sempre foi com poemas de amor. Olha a poesia do meu pai: só tem amor ali.

Ariel dizendo o poema “Eu te blue”, de Wilmar Silva



SOLEDADE

Beto Vianna

soledade deu em saudade
na história longa
da língua galega

e hoje diz o seu revés
não é mais soledade
- a doída ausência que também és
mas é saudade llena, intensa
- a doída presença que também és

acho mesmo que amas
(eu mesmo te acho às vezes)
assíduos os dois na mesma
cidade

encho o coração ermo
solto o choro enviesado
enxugo o mar de dores em ti

sei dos demônios
todos de outro homem
dos seus enxames
amenos

mas

saudade de mais
te echo de menos

MÃOS DADAS

Beto Vianna

conto infantil a duas mãos
que a minha mão solitária
há muito que era uma vez:

“e o sapo, que virou monstro
só porque o monstro se achava
descobriu que tinha mãos
pois dedo a dedo encontrava
com as mãos da perereca
que há muito o procurava”

e eles foram felizes para frente

A FÊMEA AO SOLO

Beto Vianna

a fêmea tem mais que fazer
do que apenas te amar
e não escutarias

a fêmea faz tudo em dobro
a também te atender - e não escutarias

e a fêmea se sai voando
terias tu asa e ouvidos - e a seguirias?

escuta então isso ao menos
que se é igual ao amor,
não dói ao olvido:

e a fêmea joga um pé de cada vez
um e dois e três e é quatro e é cinco e
um e ao solo

como quem amacia o solo
“com a dura e muscular energia”
- do poeta

como quem trata o duro solo
como massa macia - de modelar

e tu te deixas modelar
e por não seres solo,
és contente